

A SEMANA NACIONAL DA BIBLIOTECA

Desde a promulgação do Decreto 884, de 10-04-1962, vêm as Associações de Bibliotecários desenvolvendo importantes atividades, no sentido de pôr em evidência o valor da biblioteca para o aprimoramento cultural e recreação do povo.

A FEBAB, anualmente, solicita o apoio dos Secretários de Educação e Reitores das Universidades, para que a Semana seja festejada em toda a rede de estabelecimentos de ensino. Cada ano que passa, novas ideias vão surgindo. A princípio as Associações comemoravam a Semana com encontros festivos. Passaram, depois, a comemorá-la com Cursos de Aperfeiçoamento para seus associados, ultimamente, a pedido da FEBAB, muitas Associações vêm desenvolvendo atividades diferentes: organizam escalas de visitas aos estabelecimentos de ensino, onde os bibliotecários associados e estudantes de biblioteconomia, comparecem para falar das bibliotecas e do auxílio que elas podem prestar aos estudantes. Estamos, assim, atingindo os objetivos da Semana Nacional da Biblioteca, que são, estimular o gosto pela leitura e o respeito aos livros.

Os bibliotecários paulistas convidaram o Ministro da Educação e Cultura Dr. Jarbas Gonçalves Passarinho, para encerrar as solenidades, com que foi comemorada a SNB, em São Paulo. Às 20 horas, do dia 19 de março do corrente ano, cerca de 1.500 pessoas compareceram a Federação do Comércio para receber o Ministro e manifestar a S. Excia o seu apreço, pelo que vem realizando em prol da criação e melhoria das bibliotecas brasileiras. A essa brilhante cerimônia estiveram presentes o Representante do Governo do Estado de São Paulo; o Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Professor Miguel Reale; o Secretário da Justiça, Dr. Osvaldo Muller da Silva; a Secretária da Educação do Estado, Professora Esther de Figueiredo Ferraz; a Bibliotecária Maria Alice Barroso, Diretora do I NL; o Professor Paulo Nathaniel Pereira de Souza, Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo; Dr. Nicola Tuma, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, além de outras autoridades que também vieram prestar seu apoio à classe, em uma homenagem merecida ao Ministro da Educação e Cultura do Brasil.

Realmente, foi uma noite de glória para os bibliotecários e para todos que prestigiaram a festa organizada pela Associação Paulista de Bibliotecários, presidida por Antônio Gabriel.

Inezita Barroso, a consagrada cantora do folclore nacional, encantou com sua arte primorosa.

O Coral da Universidade de São Paulo esteve completo na cerimônia. No dizer do próprio Ministro esse "soberbo" coral fez com que as horas deslizassem suavemente até a meia noite.

1. A SEMANA NACIONAL DA BIBLIOTECA NA BAHIA

Conferência do Capitão Neljamir da Silva Guimarães - A IMPORTÂNCIA DO BIBLIOTECÁRIO NO PROJETO RONDON.

2. Palestras e exposições nos Estabelecimentos de Ensino de todos os graus.

3. Visitas e palestras nas Bibliotecas Universitárias e escolares do 1º e 2º graus, de Aracaju, Sergipe e de Maceió, Alagoas.

Lançamento do Informe "APBEB, 21 anos de realizações" de autoria da bibliotecária Vanda Angélica da Cunha.

A Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, presidida por Maria Brito, em seu Relatório, enviado à FEBAB exaltou o trabalho de equipe que levou a bom termo o programa da Semana Nacional da Biblioteca, pondo em destaque os nomes das bibliotecárias Alcina Maria G. do Pinho, que coordenou as palestras nas escolas e da bibliotecária Julieta Carteador M.Lopes, que organizou a programação de concursos.

A FEBAB está aguardando notícias das Associações filiadas, para publicar o Relatório Geral das festividades em 1973.



Discurso proferido pelo Ministro da Educação e Cultura, Senador Jarbas Passarinho, na festa de encerramento da Semana Nacional da Biblioteca em São Paulo, no dia 19-3-73.

Esta festa começou precisamente a uma semana em Brasília e dela eu tive oportunidade de participar, com a inauguração do que possivelmente é hoje a maior biblioteca universitária da América do Sul - a Biblioteca da Universidade de Brasília. Naquela ocasião, eu senti profundamente a falta de duas pessoas que hoje se encontram aqui presentes e que são precisamente Maria Alice Barroso e Janice Monte-Mór, diretora do Instituto Nacional do Livro e Diretora da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Hoje, eu gostaria de ser extremamente breve, porque todos nós vivemos encantamentos sucessivos, desde a beleza dos discursos, até a interpretação simplesmente maravilhosa de Inezita Barroso e agora deste coral soberbo. E para agradecer a lembrança que os Bibliotecários do Brasil tiveram de me trazer até aqui para o encerramento desta festa, eu gostaria apenas de falar dos três tempos meus com os livros, dos três tempos meus com a Biblioteca e dos dois tempos apenas com os Bibliotecários.

Meu primeiro tempo com os livros, nascido de um equívoco, equívoco de quem menino, na adolescência, pedia à irmã mais velha que lhe concedesse o direito de escolher os dois livros que o marido dela, todos os meses, mandava buscar na livraria. Quando assumi a cadeira de José de Alencar na Academia Brasileira de Letras, tive a oportunidade de contar este fato. Vivia eu lendo desordenadamente como autodidata, tudo que me vinha às mãos e não há por que espantar-se, pois devo confessar que lia até mesmo os anúncios do xarope São João. Concedida a permissão, eis que me investi da qualidade de iniciante da boa leitura, assim eu supunha, da minha irmã, profundamente católica e pode-se imaginar isto na altura dos anos 30, e os dois primeiros livros que escolhi, trouxe-os da biblioteca, um pela recomendação do seu autor e o outro porque o título me sugeria algo, que me provocara a atenção: Barão de Lavos, de Abel Botelho e a Relíquia, de Eça de Queiroz. Para total desgraça minha, comecei a leitura pelo Barão de Lavos, de Abel Botelho que, como sabemos, conta uma história crua e dolorosa de um homossexual, que naquela altura significava alguma coisa simplesmente atordoante, para a sociedade em que vivíamos, enquanto minha irmã começava a leitura de Relíquia. Mas, já pelo meio do livro, eu estava espantadíssimo, pelo que tinha em mãos, da lavra de Abel Botelho e ela indignada, com as irreverências chocantes de Eça de Queiroz. Antes que chegasse à camisa, famosa camisa dos amores de Eça, que termina por ter a vilania de pretender ser a camisa de Maria Madalena, ela me devolveu o livro indignada, dizendo que me cassava o direito de continuar sendo o seu conselheiro literário. Foi o meu primeiro contato com o livro. O meu segundo contato, lembro-me bem, foi dos livros que eu queria e que não tinha, dos livros didáticos existentes nas casas dos amigos que podiam comprá-los. Meu terceiro contato com os livros, como Ministro da Educação, é vê-los empilhados na minha estante sem tempo de lê-los.

Os meus contatos com as Bibliotecas, os meus tempos com elas. Primeiro, com a que ostentava o nome pomposo de Gabinete de Leitura, às margens do Tocantins, na cidade de Cametá, fechado. E nós, estudantes em férias, buliçosos, entrávamos pelos fundos do edifício para que pudessemos ler e lá, naquela meia luz da casa fechada, pois que não podia ser aberta, por ordem do prefeito, eu tive o que mais tarde aprendi com Manuel Bandeira dizer, o meu primeiro

alumbramento, esbarrando, com o dicionário na mão, que eu lia mais vezes que o próprio texto de Anatole na Ilha dos Pinguins. Dumas, pai e filho, e o impossível francês de Chateaubriand, para um estudante de 49 anos ginasial. Pirandello, como me recordo dele; do falecido Matias Paschoal, lido às escondidas, porque não podíamos revelar a nossa presença naquela biblioteca. O segundo passo foi na Biblioteca Pública na cidade de Belém do Pará, que Inezita os trouxe, muito particularmente, ao meu coração, através de músicas tão belas, que ela soube interpretar com beleza maior. Quase uma cadeira cativa tinha na Biblioteca Pública o menino pobre que, pela primeira vez, ganhava um prêmio literário na sua escola às custas do bom entendimento recebido nessa biblioteca, para poder ler, o que não era possível de outro modo, a História Universal' de Cesar Cantú.

O terceiro passo com as bibliotecas é ajudar Maria Alice Barroso a disseminá-las pelo Brasil, a disseminá-las com o nome de bibliotecas, a disseminá-las em concessão ao Conselho Federal de Cultura, com um nome um pouco mais sofisticado de Casas de Cultura.

E dois contatos com os bibliotecários, eu diria melhor, com as bibliotecárias. Hoje, numa aula supostamente magna, que fui convidado a proferir, o professor que fez a apresentação se queixava de que aquela, possivelmente, era a única das escolas, onde havia uma preponderância alarmante e altamente nefasta de homens, eu me recordava da evolução das estatísticas brasileiras a partir de 1968, com as mulheres na Universidade. Em 1968, um terço do alunado superior brasileiro era constituído de mulheres e em 1973, é quase de 50%. De 800.000 estudantes brasileiros, praticamente 400.000 moças, mulheres em geral, avós que retornam à escola. E, há dias, ao citar numa aula de abertura no Paraíba, eu dizia: há quem suponha que isto esteja errado. Eu defendo ardorosamente o direito de ver os dois sexos, exatamente os dois, dentro da Universidade. Mais ainda, alguém perguntou a Winston Churchill certa vez, diante deste avanço da mulher na vida contemporânea, qual afinal ele pensava ser o papel da mulher? E o velho Churchill entre duas baforadas de charuto, disse: o mesmo papel desde Adão.

Meu primeiro contato com as bibliotecárias, foi de sementeira. Agradeço à Cacilda Reis ter dito aqui que eu tive a coragem de convidar Maria Alice Barroso. Agradeço à bibliotecária Laura Russo seu erudito discurso e a sua saudação que praza aos céus eu possa merecer. Mas na verdade é possível que esta justiça de Salomão a que a bibliotecária Cacilda Reis se referiu tenha sido, não propriamente um ardil, mas uma rendição total do ex-ministro do Trabalho, a sua extraordinária companheira de ministério, Maria Alice Barroso. Coragem talvez maior tive eu, ao propor ao Sr. Presidente da República, a nomeação, não vou dizer pela primeira vez, para não ocorrer nas iras daqueles pesquisadores de estatísticas desde Pedro Álvares Cabral que, como vimos, descobriu o Brasil dois meses depois do carnaval. Mas coragem maior diria eu, tive ao levar a Sua Excelência o

Presidente, a indicação do nome de Janice Monte-Mór, não por ser Jannice, ao contrário, por que isto me dava mais respaldo, ainda mas por ser uma bibliotecária que ia assumir a direção da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que parecia lugar privativo de grandes escritores brasileiros. Semei e o segundo tempo é de colheita, a colheita da gratidão que eu recebo hoje. Obrigado.

Discurso proferido pela Diretora do Instituto Nacional do Livro a bibliotecária e escritora Maria Alice Barroso, na festa de encerramento da 'Semana Nacional da Biblioteca em São Paulo, no dia 19-3-73.

Concretiza-se hoje, aqui em São Paulo, uma antiga aspiração da classe biblioteconômica: a de homenagear o Ministro da Educação e Cultura, Senador Jarbas Passarinho.

Entre homenageado e homenageantes, mercê de Deus, tenho o privilégio de trabalhar com o primeiro e situar-me na classe dos segundos.

Não farei, portanto, já que pertenço à sua equipe de trabalho, o elogio ao homenageado. Nem apresentarei ao Ministro o louvor à classe que pertenço, pois se a' ela pertenço, não me caberia a mim o elogio.

Porém pediria ao primeiro e à segunda a permissão - que não será dada à modesta colaboradora de Sua Excelência nem tampouco à colega de todos vocês a ser concedida à escritora canhestra que sou, para traçar o perfil do homenageado e caracterizar, em seguida, a classe de bibliotecários brasileiros.

Peço que me cobrem, ao final destas palavras - que reconheço ousado e difícil empreendimento - caso venha a desviar-me do que ora me proponho: a de não elogiar nem ao Ministro nem aos meus colegas bibliotecários.

Faculto-me de trabalhar com o homenageado desde 1967, quando ele então ocupava a Pasta do Trabalho e Previdência Social. Emergia o país de convulsões sociais que levavam, pessimistas e otimistas, a predizerem que o Ministério do Trabalho era uma das Pastas de Governo mais difíceis, cujos conflitos de classe, a ela afetos, se não eram insolúveis, demandariam tempo para encontrar harmonização através do diálogo entre empregados e empregadores. As greves ainda espocavam, senão com a frequência que caracterizava o período findo em 1964, mas ainda com a violência da contestação e da indisciplina, traduzindo as diretrizes políticas que ditavam as mesmas.

Pertencendo, àquela época, ao quadro de servidores do Ministério do Trabalho, assisti eu à chegada de mais um Ministro, cuja única referência que nos era dada vinculava-se ao fato de ter governado o Estado do Pará, após o movimento revolucionário de 1964.

E mais não sabíamos, sobre o acreano de Xapuri que, ao visitar o Departamento Nacional do Trabalho, cumprimentou-nos delicada, mas sobriamente, com o olhar rápido de quem, em célere revista, pode guardar não só paisagens como também fisionomias.

Não saberia eu dizer agora nem quando foi, nem como foi: porém fomos sentindo, pouco a pouco, que o ambiente de trabalho, aquilo que se poderia denomina como "rotina burocrática", se transformava: o que se passava a exigir de nós não mais era a fleumática assinatura de ponto, o cumprimento fiel e britânico de um horário de serviço, mas o envolvimento de cada um de nós nos programas a serem cumpridos. Sem que se atentasse contra a hierarquia, do contínuo ao diretor de Departamento, havia a chamada e' a oportunidade para o desempenho esperado e preciso. A indiferença transformava-se, assim, em desejo de participação, pois passávamos a sentir que dentro de cada processo, naquelas folhas que podem ser neutras, se consideradas com impessoalidade, existiam destinos que seriam definidos - para o bem ou para o mal - dependendo da exatidão, do acerto de nossas informações e pareceres.

E acompanhávamos - a princípio sem comentários - depois enveredando pela inevitável troca de opiniões, a trajetória daquele Ministro, que já se localizara em Brasília, mas que, indo à Guanabara, cumpria 12 horas de trabalho como se este fosse um horário habitual no Ministério.

Quando os jornais noticiavam uma greve, já ele, o Ministro, lá estava, transformando os apupos em aplausos, dialogando com os líderes classistas, onipresente nas assembleias sindicais, conscientizando sobre o verdadeiro papel a ser cumprido pelas entidades de classe, ensinando, com o seu exemplo, que o diálogo não humilha nem deforma, mas esclarece e conduz ao entendimento.

Deverei lembrar, de sua gestão, a memorável campanha pela emancipação do trabalhador rural, cujos frutos, através de sua aposentadoria, estamos assistindo agora?

Será necessário mencionar o "afrouxo salarial" de criação linguística contestada por alguns empedernidos gramáticos, mas que revelava não apenas uma política salarial de valorização do trabalho, além de uma inventiva de linguagem que nos é permitida, a nós, que temos em nossa literatura um criador como Guimarães Rosa?

Recordarei, ainda, a transferência dos funcionários para Brasília, onde houve a catequese sim, mas nunca a imposição, a ordem expedida em tom ríspido, sem se considerar os problemas humanos de cada funcionário.

Ao final da gestão de Jarbas Passarinho, no Ministério do Trabalho, nós, funcionários, examinávamo-nos e não nos reconhecíamos.

E indagávamos: teria mudado o Ministério ou mudáramos nós?

De um fato, porém, tínhamos certeza: durante aqueles anos, havíamos cumprido ordens, diretrizes, mas nenhuma fora obedecida cegamente, com o desconhecimento das razões que as ditaram. Àquela altura já estávamos compenetrados de que a chama criadora, existente em cada ser humano, ao invés de estorvar, fora bem-vinda, acolhida e até mesmo exigida por aquela administração.

Havia mudado o Ministério, certamente - na medida em que nós, seus funcionários, mudáramos também, contribuindo para essa transformação.

Com a mudança de governo, o então Ministro do Trabalho é convidado pelo novo Presidente da República, General Emilio Garrastazu Médici, para ocupar a Pasta da Educação e Cultura.

Novamente, pessimistas e otimistas - e dentre estes, os mais panglossianos boquejavam sobre os problemas terríveis daquele Ministério. A estrutura arcaica do ensino já não atendia às exigências de um país em acelerado ritmo de desenvolvimento, a universidade era a única opção e opção impossível, para milhares de jovens.

Aqueles, de nós, que haviam testemunhado a metamorfose operada no Ministério do Trabalho e que haviam sido convocados para colaborar com Jarbas Passarinho no Ministério da Educação, não ignoravam mais o processo, as procelas e o produto final da jornada que se iniciava, precisamente, em novembro de 1969.

A reforma administrativa do MEC foi iniciada, implantada, extinguindo estruturas caducas, agrupando órgãos afins, evitando dispersões e redundâncias.

Surgiram as reuniões de diretores, verdadeiros seminários, em que os dirigentes do MEC expõem seus programas, criticam-nos, estabelecem linhas de apoio e de entrosamento.

A Reforma de Ensino, com uma visão do Brasil presente/futuro, revelava-se nesta frase do dirigente máximo do MEC:

"Em verdade, a sabedoria está em saber preservar, no presente, certa dose do passado e saber projetar, no futuro, a dose exata do presente".

Porém não me posso esquecer de que estou falando, principalmente, para bibliotecários, os bibliotecários paulistas que aqui estão reunidos para homenagear o Senhor Ministro da Educação e Cultura. E não sei de que modo falar a bibliotecários, se não falar de bibliotecas.

Não louvarei o sistema de coedições, outra inovação implantada pelo Ministro Jarbas Passarinho no MEC, porque aqui - lembro aos que me honram com sua atenção não me propus louvar nem elogiar. Relato fatos e relembro os fastos tão somente.

Uma política nacional de bibliotecas, realizada com recursos brasileiros, há que ter definições e metas, a curto e a longo prazo.

Propõe-se o MEC, através do INL, a ensejar o surgimento de sistemas estaduais de bibliotecas, no qual a Biblioteca Estadual agirá como a cabeça do sistema, inter-relacionada com as Bibliotecas Públicas Municipais.

Visando tal objetivo - a longo prazo, sabemos nós todos - assinou o I N L convênio com o Conselho Federal de Biblioteconomia, para reunir, no período compreendido entre 19 e 21 de abril do corrente ano, Presidentes dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, Presidente da FEBAB, Presidentes de Associações, Diretores de Faculdades de Biblioteconomia, a fim de, num diálogo franco, estudarmos os desafios surgidos com a Reforma de Ensino, desafios estes que exigem, de nossa parte, uma' reforma nos métodos e filosofia da biblioteconomia no Brasil.

Convênios foram firmados com "as Faculdades de Biblioteconomia brasileiras - incluindo, pela 1ª vez, as existentes nos Estados do Amazonas e do Pará visando o pagamento de estagiários nas Bibliotecas Públicas dos Estados convenientes.

Os carros-biblioteca, também através de convênios, estão sendo cedidos, pelo INL, durante o período de 2 anos, às Faculdades de Biblioteconomia, oportunizando aos estudantes o contato com as comunidades rurais.

Lembro aqui - e com grande emoção - o convênio com a FEBAB, presidida pela nossa incansável batalhadora, Bibliotecária Laura Russo, para a publicação da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.

Paralelamente - sempre obedecendo as diretrizes do Ministro Jarbas Passarinho - acaba o INL de firmar convênio com o MOBREAL, para a coedição de obras destinadas aos neo-leitores, a fim de transmitir-lhes o hábito de leitura. Prevendo 3 fases, o projeto MOBREAL-INL, lançará 6 antologias de contos, crônicas e poemas a nível do universo vocabular dos neo-leitores. A 2ª fase inclui a adaptação - feita pelos próprios autores - de romances brasileiros. A 3ª fase culmina com a abertura de um grande concurso nacional, para escritores brasileiros que desejem escrever para este público a ser conquistado como frequentadores de nossas bibliotecas públicas.

Abrindo mão da franquia postal, pela H vez em seus 35 anos de existência, o I N L pagou o frete de 703.150 exemplares enviados a 1.257 bibliotecas públicas somente no último semestre de 1972, garantindo a chegada dos livros aos pontos de destino.

Em 21-12-1971, o Ministro da Educação e Cultura assinava a Portaria 764, que determinava o registro das bibliotecas brasileiras no INL. No 1º semestre de 1972, registramos 219 bibliotecas e, no 2º semestre, o registro subia para 804 bibliotecas.

Às municipalidades que construíram prédio próprio para a Biblioteca Pública Municipal, o MEC/INL contempla com a doação inicial de 1.000 exemplares, destinando 150 para a clientela infanto-juvenil.

Visando a formação do hábito de leitura em nossas crianças, desenvolve o MEC um programa de coedições de literatura infantil somente de autores brasileiros, pois de acordo com a afirmativa do Ministro da Educação, não se pode permitir que as crianças brasileiras cresçam desconhecendo os nossos heróis, o fabulário nacional, as tradições de nosso país, enfim!

Ministro Jarbas Passarinho:

Há quem denomine Vossa Excelência, em nossa classe, de o "Ministro das Bibliotecas". Creio, no entanto, interpretar um pouco do pensamento de meus colegas deste grande Estado brasileiro, que é São Paulo, se disser que Vossa Excelência é, também, o "Ministro dos Bibliotecários".

E será falando sobre eles, os bibliotecários, que desejo encerrar estas palavras.

Não os elogiarei nem louvarei. Direi, apenas, que no exercício da profissão, poderíamos chamá-los de místicos, nunca de mistificadores. Humanistas, por vocação, são também educadores. Não se lhes pode arrebatar essa função, porquê entre eles, os humanistas, se encontra a tradição da dignidade e da beleza do Homem.

Creio que não estaríamos exagerando, em nossa profissão de fé de bibliotecários-humanistas, ao afirmar que o Homem é o dono das contradições que existem por seu intermédio, e por conseguinte é mais nobre do que elas. Mais nobre do que a morte, demasiado nobre para ela, e isto constitui a liberdade do seu cérebro. Mais nobre do que a vida, demasiado nobre para ela, e isto constitui a piedade do seu coração.

Finalmente, se me excedi nesta tentativa de relato da carreira de homem público do homenageado e se me concentrei, em poucas palavras, na caracterização dos homenageantes, é

porque, na verdade, não me pude subtrair à classe à qual pertenço - e como tal, a ela me alio, agora, para homenagear o Ministro da Educação e Cultura, Senador Jarbas Passarinho.

Muito obrigada.

Discurso da Presidente da FEBAB, a Bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo, na solenidade de encerramento da SNB em São Paulo, no dia 19-3-73.

Honrados sobremaneira com o convite que nos fizeram para saldar uma das mais expressivas e fascinantes figuras de nossa vida pública, não o fazemos sem a consciência nítida de nossos apoucados méritos, mas sinceramente ufanos de ser intérprete de uma homenagem justa a quem tanto devem, os brasileiros em geral e a classe bibliotecária em particular. O perturbador amálgama de inteligência, cultura, competência administrativa e inflexibilidade no cumprimento do dever, faz a composição ideal de personalidade do Ministro que hoje nos honra com a sua presença, encerrando com chave áurea as festividades da Semana Nacional da Biblioteca, instituída pelo Decreto Federal 884 de 1962.

Sabemos que não é fácil a um triunfador que se empenhou em tantos empreendimentos e labores e colheu vitórias de porte, esquivar-se à notoriedade e fugir à posição de realce que alcançou na escalada, mas Vossa Excelência, certamente, vive protegido por um quebra-mar de algodão, transmitindo a impressão, na fisionomia sempre repousada, de que os trabalhos e as preocupações não lhe fazem dano nem lhe trazem fadiga.

A classe bibliotecária, Senhor Ministro, quis dar a esta solenidade um cunho exclusivo de simplicidade, pedra angular das graças divinas. Podia tê-la revestido de solenidade política, pois seria fácil imprimir-lhe um sentido de consagração pública a quem já muito fez para ser dela merecedor. Preferiram os bibliotecários, no entanto, reunir-se sob o signo da amizade, para trazer-vos a prova da alegria com, que acompanham o desenvolvimento dos programas de trabalho do MEC e o vosso êxito na vida pública.

Singela, mas sincera homenagem a quem, através de obstáculos de toda ordem, reprimindo abusos e reconhecendo direitos, vem reerguendo o ensino e a cultura, fazendo obra capaz de assegurar a eficiência do mais complexo e importante órgão da máquina administrativa federal certo que as reformas, uma vez empreendidas, não corrigem logo e radicalmente todas as imperfeições, mas previnem calamidades, removem empecilhos proscrevem as instituições

condenadas pela prática, vencem a rotina e abrem era de esperanças cheia de idéias novas, de vigor e de beleza.

A recente reforma do ensino em todos os níveis, destruiu resolutamente o velho casarão didático e aplainou o terreno para uma construção sóbria e duradoura. A fusão dos ciclos primários e secundários, com a duração de 8 anos, assinala, como fator de expressiva relevância, a materialização do ajustamento da estrutura educacional brasileira, às razões impositivas do desenvolvimento econômico. Coube a V. Excia., sem dúvida alguma, criar no Brasil uma nova visão dos assuntos educacionais, um novo critério para ver, sentir e julgar a nossa realidade.

As bibliotecas, obviamente, fazem parte dessa realidade e daí o apoio e ajuda que vem recebendo do Instituto Nacional do Livro, um dos mais dinâmicos setores de vosso Ministério.

O MOBREAL, movimento que vem despertando a consciência da nacionalidade para o grave problema do analfabetismo, exige não só deliberada estrutura econômica, mas a mobilização de todas as forças vivas deste país. Isto acontece por que o Presidente Emilio Garrastazu Médici e Vossa Excelência resolveram demonstrar à nação que o verdadeiro progresso de um país, não está na ordem direta de seu crescimento econômico, mas no desenvolvimento integral, do qual o homem é a figura de destaque,

A conquista desse ideal é fator decisivo para que os indivíduos isoladamente, comunidades e a nação inteira possam alcançar o tão almejado bem estar social. O trabalho de alfabetizar milhões de brasileiros, em todas as faixas etárias, é ingente e complexo, envolvendo duas ações: a profilática e a curativa. Na primeira se inclui o dever de garantir, com medidas efetivas, o ensino gratuito e obrigatório aos menores; na ação curativa, a alfabetização de adultos.

O propósito do ensino médio passou a ser o de educar cada aluno, de modo que ele possa desenvolver ao máximo o seu potencial de inteligência e que cada qual consiga dar à comunidade a mais rica contribuição possível.

Para se integrar a esse movimento, o bibliotecário deve conhecer os currículos que se desenvolvem na escola de sua comunidade. Deve assistir às reuniões profissionais, aos treinamentos e a toda atividade que o leve a crescer profissionalmente e a melhorar os serviços que presta.

Nessa mesma linha de bem servir às coletividades de médio e pequeno porte, propiciará um melhor atendimento, que será completo, com a aproximação cada vez maior entre biblioteca escolar e biblioteca pública.

Reconhecemos que a invasão das bibliotecas públicas por estudantes de todos os graus de ensino afasta o consulente adulto e é frequente a queixa de que as salas de leitura não mais

oferecem condições necessárias à concentração e ao estudo. Perdem as bibliotecas a oportunidade de facilitar leitura à população adulta, nela se situando os recém-alfabetizados e todos aqueles que procuram o aprimoramento cultural através do livro. Esse fenômeno nos parece grave, tendo em vista que 'as bibliotecas públicas acompanham o indivíduo durante toda a sua vida, enquanto as oportunidades que as escolas e universidades oferecem, quase sempre são transitórias.

E por que não dizer da situação dessas bibliotecas públicas, onde são evidentes a pobreza de acervos, de equipamentos e falta de pessoal habilitado para atender ao público? Com relação à atividade bibliotecária, não bastam as tarefas simples e mecânicas de emprestar livros ou colocá-los sobre as mesas de um salão de leitura. A questão é mais complexa e exige organização coordenada e harmoniosa. A eficiência ou deficiência que acuse uma biblioteca estão em íntima relação com a sua finalidade e com as múltiplas funções que deve desenvolver dentro de seu campo específico de competência: ordenação e conservação de acervos; documentação e informação; Leitura, investigação, educação e recreação. Depreende-se, portanto, que a adequação de meios aos fins é indispensável, se quisermos servir à coletividade, difundir o livro e integrar a biblioteca em todas as comunidades.

Acompanhando de perto as atividades do Ministério de Educação e Cultura, sabem os bibliotecários que é intenção do Instituto Nacional do Livro estabelecer convênios com bibliotecas municipais, no sentido de serem criadas salas de leitura, onde o recém-alfabetizado adulto possa encontrar bibliografia específica para o seu aprimoramento contínuo. Sabem também, que o mesmo Instituto Nacional do Livro está cuidando de editar obras para esse tipo de leitor, embora já exista como semente da iniciativa o JORNAL DO MOBREAL. Sábias e gloriosas medidas que vem de encontro a necessidades prementes.

Um serviço bibliográfico adequado e eficiente é auxiliar indispensável a qualquer programa de ensino, entretanto, é evidente nossa escassez de bibliotecas escolares. A dificuldade é maior quando se trata de encontrá-las em horários amplos, compatíveis com o público adulto recém-alfabetizado.

O problema, evidentemente, requer exame cuidadoso, mais a sua solução deve ser encontrada a curto prazo, pois é o livro a ferramenta indispensável aos trabalhos escolares, em todos os graus de ensino.

A tudo isto acresce o fato, que ninguém ignora, por mais desatento que seja aos problemas da educação, que o conhecimento do mundo material não basta para criar uma cultura e muito menos uma tradição de cultura. O conhecimento da vida interior que anda por aí tão desprezado, não pode nem se deve tomar a conta de simples luxo, só porque é desprovido de utilidade prática.

A verdadeira cultura exige inteligência e sensibilidade. A distinção entre ambas não constitui uma realidade psicológica. Se na investigação científica há necessidade de se afastar as sensações e as paixões, não devemos, contudo, limitar a capacidade de sentir.

Há poucos dias, assistimos à colação de grau dos novos engenheiros de uma das mais importantes Universidades deste país. O orador da turma usou em seu discurso o tema Formação da sensibilidade do acadêmico, queixou-se da enormidade do campus, onde ninguém conhece ninguém, onde os membros da mesma turma não se conhecem, porque: pela especialização que escolhem, são forçados a frequentar departamentos diversos. Com o decorrer dos anos eles conseguem distinguir os ruídos de cada máquina e as operações dos computadores extasiam a quantos deles se aproximam.

Os anos passaram, disse o orador, e nossos ouvidos não foram educados para distinguir os sons musicais e os textos literários não nos comovem mais.

Pobre mocidade que assim ingressa nas lides profissionais, sem saber valorizar um coral, uma peça de teatro, um concerto e mais, uma biblioteca, dizendo a toda gente, AQUI ESTOU EU PARA INSTRUIR E RECREAR O VOSSO Espírito.

A queixa não é nova. Darwin, numa de suas cartas mais impressionantes, lamentou um dia a sua deficiência de emotividade estética, considerando-a prejudicial a sua inteligência. Para o grande biólogo, essa formação da sensibilidade era, antes de mais nada, condição indispensável e complemento de felicidade humana. Pensar com sensibilidade e sentir com inteligência, deverá ser o caminho' para os que não quiserem renovar mais tarde e sem remédio a queixa melancólica de Darwin; a comovedora acusação do Nobel engenheiro.

Nenhum bibliotecário presente à cerimônia, deveria estranhar semelhantes declarações, pois não são os computadores os personagens de nossa mitologia urbano-industrial? Pois não são eles instrumentos mágicos que jogam xadrez, fazem poesias e descansam o homem, resolvendo os problemas das grandes empresas? Afinal, mesmo nos países desenvolvidos onde nasceu, a informática sempre orientou o halo de onisciência que a transformou em uma das principais revoluções do século 20. Dominando e manipulando a mais sofisticada das máquinas, ela nunca abandonou a vaidade de substituir seu próprio criador, não apenas nas tarefas mecânicas, como naquilo que ele tem de único: a capacidade de pensar.

Como bibliotecários, não desposamos semelhante desvirtuamento da função de informar e nem acreditamos na substituição do livro pela máquina. Eis porque os livros filmados, os li de leitura. Idéias, conceitos e filosofias de vida, são transmitidos através da influência niveladora do rádio, do cinema e da televisão, mas a experiência nos ensina, sem deixar dúvida, que a leitura de

livros permanece como a melhor maneira individual de obter informações e de entrar em contato com inteligências de todas as épocas e de todas as regiões do mundo.

SENHOR MINISTRO

Sabemos ter diante de nós problemas de difícil solução, porém, não esmorecerá a classe no seu afã cotidiano de contribuir com o seu trabalho, para a gigantesca obra de soerguimento nacional: a educação e cultura do povo brasileiro.

Ao iniciar-se a década de 70 as atividades do homem foram aceleradas, aumentando também suas exigências, motivo pelo qual o papel atual e futuro das bibliotecas está sendo revisado e estudado por pessoas dentro e fora da profissão. Isto é motivo para que nossa classe se sinta orgulhosa quando se confere às bibliotecas tal importância no futuro do homem. Temos sorte ao ser incluídos nos sucessos do dia, já que estes nos proporcionam a oportunidade para atuar. Tanto para que possamos corresponder efetiva e significativamente a essa nova posição, temos que reconhecer e aceitar as mudanças. Para que isto aconteça, devemos nos perguntar: qual é o ritmo de nossa época? eu o compreendo? sou capaz de entendê-lo? estou disposto a trabalhar por ele?

Das respostas positivas a essas interrogações, nascerá por certo o compromisso que sempre requer mais valor do que a tranquilidade do isolamento: a compreensão pessoal de cada membro da classe para que se renovem os velhos valores da biblioteconomia.

Nossa época busca resposta para problemas graves e urgentes e o bibliotecário não deve estar omissos. A perpetuação de nossos princípios de educação e cultura depende, exclusivamente, do sucesso dos educadores entre os quais se incluem os bibliotecários.